

O começo de tudo

Tudo começou em uma escola localizada na zona sul de Porto Alegre, situada no bairro Assunção.

Com sete anos de idade ingressei na 1ª série. Era tudo novo para mim, meus colegas e professora e até mesmo o nome da escola: Escola Estadual de 1º e 2º Grau Santos Dumont. Com o tempo acabei me acostumando com tudo aquilo, mas foi muito difícil porque eu era muito tímida.

Na 2ª série fui aprendendo a ser mais comunicativa, mas isso não foi o bastante, acabei repetindo o ano por ter vergonha de ler. Sempre tive pânico de ir resolver alguma questão no quadro, com medo de que os meus colegas rissem de mim, pois eles eram muito implicantes comigo.

No final de cada ano era uma tortura, a turma era sempre a mesma e assim foi até a 5ª série.

Quando fui para a 6ª série a turma era diferente, os professores eram maravilhosos, eu estava quase passada de ano quando a minha mãe resolveu se mudar.

Vimos morar aqui na Lomba do Pinheiro, mas eu não quis trocar de colégio. Então, com novas amizades, eu comecei a faltar e acabei engravidando. Tinha duas escolhas: ir para a escola ou me esconder de todos. Minhas amigas eram muito radicais e iam acabar me julgando. Eu escolhi largar os estudos. Na época eu tinha 17 anos. Quando eu tive a minha filha eu era mãe solteira. Daquela turma que era sempre a mesma todos se formaram, menos eu e outro colega.

No ano de 2009 retomei os estudos, eu já estava com 26 anos e tinha três filhos. Além de ser mãe e estudar, eu trabalhava de gari no centro de Porto Alegre. O tempo era pouco, mesmo assim consegui avançar da T42 para a T52 na EJA da escola Guerreiro. Mas tive que parar os estudos novamente.

Agora, no ano de 2012, voltei para a EJA e pretendo ficar até o final. Eu já tenho 30 anos e pretendo fazer algum curso e me formar, porque nunca é tarde para um recomeço.

Da retomada ao fim

Minha primeira escola foi em uma comunidade no interior da cidade de Alpestre chamada Linha Tupy. Não lembro o nome da escola, mas era uma escola pequena, tinha uma sala de aula, uma cozinha, secretaria e dois banheiros. A comida era servida na sala de aula. Não havia cozinheira, quem fazia o lanche era o próprio professor com os alunos mais velhos.

Esse professor se chamava Agostinho. Os alunos eram todos atendidos em uma sala de aula, do 1º ao 5º ano. Em média havia de 20 a 30 alunos. O quadro era dividido por turmas, os alunos que sabiam mais ajudavam os outros. Estudei nesta escola dois anos. Porém ela fechou, mudamos para outra, em que havia salas separadas, professoras, diretora, cozinheira. A professora era para todas as matérias, uma para cada turma. A escola se chamava E.M.E.F. Santa Terezinha, havia em média de 80 a 100 alunos e três professoras para cada turma. Para minha “sorte” a minha professora era a diretora do colégio, chamada Terezinha. Na época detestava esta professora, mas estudei com ela dois anos. Ela era muito séria, não gostava de brincadeiras, ela era introvertida. Mas hoje eu sei que foi para o meu bem.

Na 5ª série fui estudar em outra escola municipal chamada E.M.E.F. Tiradentes. Fiquei lá por dois anos e meio, adorava esse colégio, tinha em média de duzentos a duzentos e cinquenta alunos. Foi a melhor parte do meu período estudantil, fiz muitos amigos, tinha professores legais, um para cada matéria. A melhor época foi essa: a melhor hora era a de ir para a escola, conversar, namorar e estudar.

Por problemas pessoais, tive que mudar para Porto Alegre com 15 anos. Me matriculei no colégio Araçá, mudança radical, pessoas diferentes, lugar diferente. Estudei ali por seis meses, parei, não consegui me enturmar. Estranhei, pois havia muitas brigas e incentivo para brigar uns com os outros. Como já estava namorando, resolvi casar e parar de estudar.

Retornei no ano de 2012, após oito anos, com o objetivo de concluir. Já perdi muito tempo, agora vou correr atrás do prejuízo e vou ser feliz.

Na E.M.E.F. Afonso Guerreiro Lima é ótimo estudar, têm colegas e professores legais e o melhor é que estou aqui para me formar e ser alguém na vida...nunca é tarde para ser feliz...

Roberta Vendrúsculo – T62

Lembranças escolares

Morava na cidade de Cruz Alta, tinha seis anos quando fui matriculado na escola Ernesto Pasqualini. Acho que a mãe não teve problemas com a matrícula, pois era o ano em que completaria sete anos, que seria em setembro. Lembro da cartilha em que aprendi a ler e escrever pelo método mais tradicional que se possa imaginar, com a professora fazendo ditado do livro “Olavo viu a uva” e pedindo que os alunos recitassem de cor a tabuada. E não era como hoje, as professoras eram respeitadas. E, quando saía para qualquer lugar, a mãe pedia para identificar letras nos ônibus, placas e depois juntar todas e formar as palavras de lojas que, naquele tempo, eram Grazziotin, JHSantos, Incosul e Pernambucanas.

Minha casa era perto da escola. Na hora do recreio eu ia para casa fazer lanche todos os dias. Minha professora, para mim, era muito boa, pois nunca tive problemas no aprendizado, porque aprendi a ler e escrever no primeiro ano e tinha muita ajuda da minha mãe e meu pai. Quando chegava do trabalho ele repassava as lições. Lembro que a minha letra era muito miudinha. O nome da minha professora eu não lembro. Um dos casos que ficou marcado e não esqueci até hoje: estudava no turno da manhã e tinham outras séries mais avançadas e alunos de outras idades. Na hora do recreio, uma garota alta e magra, brincando de pega-pega, na correria errou o pé e caiu com o joelho na quina da escada. Foi aquela gritaria, a diretora foi quem a levou para o hospital, pois era ela que tinha carro.

Não cheguei a ficar até o fim do ano, minha avó faleceu, tivemos que voltar para Uruguaiana. A mãe foi falar com a professora, que entendeu a situação e como eu estava bem adiantado e não poderia fazer as provas de final de ano, a professora deu para a mãe o seu próprio livro para eu acompanhar o restante das lições.

Na cidade de Uruguaiana, os irmãos da mãe, que já moravam em Porto Alegre, falaram que lá as oportunidades de trabalho eram melhores. No ano seguinte morávamos em Alvorada e fui matriculado no Antônio de Godoy, novamente no primeiro ano, porque não tinha realizado as provas de final de ano em Cruz Alta. Mas fiquei somente umas duas semanas no primeiro ano, falei com a mãe, porque já sabia ler e escrever e sabia a matemática do primeiro ano. Ela foi falar com a direção da escola e eu fiz um teste e fui direto para a segunda série. O nome da professora era Isolda, muito calma e atenciosa, comprometida com a educação dos alunos e com que todos aprendessem.

Ronaldo R. Simões - T62

Minha trajetória como estudante

Em março de 1982 foi que ocorreu meu primeiro contato com a escola. Nesse ano eu entrei na pré-escola, fui muito bem recebida pela professora Sheila e pelos coleguinhas. Nessa escola, Santos Dumont, eu me sentia muito bem, era um universo totalmente diferente, algo que eu nunca tinha experimentado. Claro que cheio de regras também: horários para entrar e sair, tinha a hora de cantar o Hino Nacional Brasileiro. Eu sempre ficava na frente na fila, eu achava o máximo (me achando importante), mas não era isso não! É porque eu era a mais baixinha da turma. Quando penso nisso eu acho até graça. No ano seguinte eu fui para a primeira série, eu já estava acostumada com o ambiente escolar e com a professora Vera Lúcia, que era um amor, muito paciente. Ela já estava idosa, mas tinha muito amor e carinho com seus alunos, ela falava baixo, explicava inúmeras vezes, ela ia até a nossa classe e perguntava qual era a dúvida, ela sorria ao explicar. Essa época era muito boa.

Mas como nem tudo são flores, eu acabei saindo dessa escola, por motivo de mudança, aos 8 anos. Fui morar na Lomba do Pinheiro, onde fui estudar na Escola Maria Cristina Chika. Frequentei a segunda série, mas não foi tão fácil, o ambiente era muito diferente, os amigos não eram mais os mesmos, foi tudo tão estranho... Mas tudo bem, afinal ali seria meu ambiente escolar e ali teria que me acostumar, querendo ou não. Os funcionários não eram tão legais, a diretora era muito severa, achei tudo muito chato. Estudei até a

terceira série, quando tive que sair da escola e fui morar com minha avó e meu pai. Aí é que foi pior, estudava na Escola General Neto, no Belém-Velho, eu caminhava uns 40 minutos até a escola, no inverno e verão, numa estrada empoeirada de chão batido.

Dois anos depois fui morar com minha mãe e padrasto (já falecido atualmente), novamente fui morar na Lomba do Pinheiro. Fui matriculada na Escola Afonso Guerreiro Lima, onde estudei na 5ª e 6ª séries nos anos de 93 e 94.

Eu gostei muito dessa escola municipal, eu estudei aqui quando havia pavilhões de madeira, não havia refeitório nem quadras para jogar futebol ou vôlei, mas era uma escola muito aconchegante, funcionários e professores eram muito legais e espontâneos, isso tornava o colégio um lugar agradável.

Retornei aos estudos na EJA neste ano de 2012. Fiquei um pouco perdida, porque parei os estudos por 16 anos (motivo: parei os estudos para me dedicar ao meu filho e ao trabalho). Mas agora na EJA eu tenho a oportunidade de concluir os meus estudos e o Ensino Fundamental. Tenho várias amizades aqui na escola, as professoras e professores, quero aprender e continuar me esforçando. Bem, isso foi um pouco da minha trajetória como estudante e as várias fases por que passei. Mas nunca é tarde para estudar, o bom é que sempre estou aprendendo coisas novas na EJA. Mudou até a ortografia, as ciências e o estudo estão sempre se modificando, a geografia também (a população e as estatísticas estão sempre mudando) e agora percebo com mais clareza coisas que antes eu não entendia muito bem.

Angélica Barbosa Soares da Silva – T62

A menina vai para o colégio

No princípio não foi muito bom, pois era muito tímida, tinha dificuldade para me relacionar com as outras pessoas.

Achava a escola barulhenta, não gostava principalmente da hora do recreio, me sentia deslocada.

Sempre fui muito chata em relação à comida, não frequentava o refeitório e não gostava do cheiro daquela comida.

As professoras eram umas fofas, umas queridas, estavam sempre à minha volta.

Uma professora em especial, a Cristiane, era muito querida, começou a frequentar a nossa casa. Participava de nossos almoços aos domingos.

O marido dela era dono de uma banca de revistas e ele conseguia vários pôsters de artistas para mim, o meu quarto era cheio de fotos.

Como não me relacionava com as outras pessoas, eu via muita TV, escutava muito rádio.

E foi graças à dedicação da professora Cristiane que eu comecei a me relacionar com as outras crianças.

Daquela época me lembro de tudo e sinto falta da minha infância, da inocência de não ter que me preocupar em ficar gripada ao pegar chuva, de brincar de pega-pega, de jogo de taco.

Fiz grandes amigos, alguns vejo até hoje. A primeira vez que vi uma revista pornô foi no colégio, umas gurias tinham conseguido, lembro de ver aquilo com espanto! Que época boa, de descobrimentos, sonhos e de grandes paixões, claro que platônicas (fui apaixonada pelo meu professor de Português).

Se eu mudaria alguma coisa? Nada! Tudo foi muito bom.

Ainda bem que tenho minhas lembranças, meus amigos.

A escola é onde aprendemos a interagir com as outras pessoas, aprendemos a aceitar o novo, o diferente, a respeitar e cuidar do meio ambiente e de nossa saúde.

Tenho ótimas lembranças do colégio, me preparou para ser alguém melhor.

Lisiane Cabral de Vargas – T52

A caçulinha vai para a escola

Eu era a caçula de uma família de 12 irmãos, a caçula das meninas, éramos 5 meninas e 7 meninos.

Quando eu fui para o colégio pela primeira vez eu tinha 7 anos. Nós éramos uma família muito pobre. Eu ia para o colégio e muitas vezes ficava com vergonha de meus colegas porque eles iam bem

arrumadinhos e eu às vezes não tinha nem um tênis, eu ia de chinelo de dedo, minha pasta era um saco de 5 kg de arroz.

Mas eu adorava estudar. Meu primeiro ano foi na Escola Municipal São Pedro. Eu lembro muito da minha primeira professora, ela se chamava Eugênia e tinha uma verruga do lado do nariz. Eu lembro que quando ela entrou na sala eu e uma colega dissemos que ela tinha cara de limão azedo, mas nos enganamos muito, porque ela era a melhor professora do colégio. Eu, como não tinha fartura em casa, adorava quando a servente entrava com a nossa merenda, que era sopa, paçoquinha, frutas e às vezes sanduíche. Estudei nessa escola durante 3 anos, foi onde eu marchei no 7 de setembro, eu adorava colocar o uniforme do colégio.

Depois fui estudar no colégio Otaviano Silveira, em Sapucaia do Sul. Lá eu fiz a 4ª série. Não tenho muitas lembranças de lá, pois não me afinei com os colegas e nem com os professores.

Fui estudar então na escola Hugo Gerdau. Amei esse colégio, amei meus colegas. Eu me lembro muito bem de um episódio que aconteceu nesse colégio. Eu não sei até hoje o motivo, mas eu tive 2 dias de cegueira em sala de aula, eu não enxergava nada, e meus professores, como sabiam que eu amava estudar, não me deixaram perder as aulas. Então minhas colegas e amigas copiavam a matéria para mim e eu só dava as respostas. Eu tinha uma professora que eu amava de paixão, nos finais de semana eu ia para a casa dela, eu e mais duas amigas. Ela era professora de História e Geografia, a professora Glair. Ela não podia ter filhos e queria muito me adotar, mas minha mãe nunca aceitou. Eu sei que vivi muitos momentos como se fosse filha dela.

Alguns anos depois que parei de estudar (eu parei quando passei para a sétima série), eu fui visitar essa professora e ela tinha adotado um menininho que se chamava Leonardo. Essa é a história de meus primeiros anos de colégio.

Odete da Silva Paz – T52

A primeira vez que eu fui para a escola

No meu primeiro dia de aula estava muito calor, naquele dia eu sentei do lado de um amigo, estava muito ansioso. A professora então pediu para me apresentar, disse meu nome muito baixinho, pois estava com vergonha.

Fiquei uma semana naquela escola, pois era longe da minha casa, então fui para a escola Olímpio. Eu sentei nos últimas classes, a nova professora pediu para me apresentar, novamente fiquei com vergonha. Daí um guri começou a jogar bolinha de papel em mim, então eu fiquei irritado e bati a cabeça do menino na classe. Fui expulso em apenas um dia.

Então novamente mudei de escola, era minha terceira escola em apenas um ano, fui para o colégio Solimões, onde minha mãe trabalhava, ia de manhã com ela, mas minhas aulas eram pela tarde. Na hora da aula, entrei na sala e toda a classe soube que eu era filho da “tia da merenda”.

Eu gostava muito da diretora, ela era toda pequenininha, eu achava muito engraçado. Fiquei oito anos naquela escola, fiz muitas amizades, mas repeti dois anos. Um ano na primeira série e um na segunda. Saí desta escola na sexta série.

Então fui estudar no colégio Pedro Pereira, fiquei lá um mês. Saí de lá, pois não tinha dinheiro para a passagem.

Fui para a escola Celina, não gostava nem um pouco daquele colégio, para mim tudo era ruim lá. Repeti duas vezes na sétima série.

Então em 2012 resolvi fazer EJA no Afonso Guerreiro Lima. Aprovei na sétima série e agora estou completando a oitava. Gosto deste colégio, os professores e a direção são legais e os passeios também.

Meu objetivo é terminar o Ensino Médio, fazer meu curso de mecânico e realizar meu sonho de ser mecânico.

A minha primeira vez no colégio

A minha primeira vez no colégio foi muito difícil, porque eu era a mais velha da turma do 1º ano. Entrei com 10 anos e todos eram mais novos do que eu, mas o que mais me marcou foi a dificuldade que eu tinha para chegar no colégio. Era muito longe e eu, que era pequena, ficava muito cansada, fora a dificuldade em relação à fome que eu sentia, porque a minha mãe poucas vezes tinha o que dar para nós comermos.

Mas sempre acreditei em Deus, sabia que era só uma fase e tudo iria passar. A minha primeira professora era a melhor professora, amiga, companheira e gostava muito de mim. Uma vez eu não sabia como calcular as contas de divisão e fiquei com muita vergonha de ir até o quadro. Falei para ela que não tinha feito ainda e deixei todos irem embora e então falei para ela que eu não sabia fazer as contas. Ela disse: “Por que você não me mostrou, eu iria te ajudar, Andréia.” Como ela era uma ótima professora, ficou comigo até eu aprender as contas. Fiquei tão feliz. Essa é a primeira parte da minha vida no colégio.

Andréia S. da Silva – T52

Meu tempo de escola

Eu, Marisa, quando entrei no colégio, fiquei muito feliz, era uma ansiedade muito grande, eu tinha já 7 anos, mas me lembro como se fosse hoje da minha mãe arrumando a roupa nova. Éramos três irmãos, minha mochila era um saco de arroz de 5 kg, mas eu não ligava, porque eu queria ir para a escola.

Quando cheguei lá vi que era como eu imaginava, a aula, o recreio com muitas brincadeiras de roda, com músicas, pular sapata, que hoje não se vê mais em escolas.

Nossa roupa era o uniforme da escola, saia de preguinha, meias brancas até o joelho e o tênis azul, não tinha desfile de moda como hoje, porque todos se vestiam iguais. Eu lembro que as matérias que eu mais gostava eram Ensino Religioso e Artes, porque adoro desenhar e pintar.

Os boletins davam medo, porque a minha mãe sempre ia buscar e se tivesse nota vermelha ela dava xingão dentro da escola mesmo.

Eu morria de vergonha, porque sempre tirava nota vermelha em matemática.

Marisa M. Rodrigues – T52
Meus primeiros anos no colégio

Meu primeiro colégio foi o Carlos Chagas em Canoas. Era muito bom aquele colégio, na aula nós fazíamos vários trabalhinhos, o que eu mais gostava era cobrir os desenhos com bolinhas de papel colorido. E no recreio nós brincávamos com bolinhas de gude e pião, era muito legal. Naquele ano eu não tinha que me preocupar com muitas coisas, pois os meus pais ainda moravam juntos.

Mas quando eu tinha oito anos meus pais se separaram, eu fiquei com minha mãe e nós fomos embora para Cruz Alta. Tive que começar tudo de novo. Lá me matriculei no colégio Venâncio Aires. Mal sabia eu que as coisas ficariam piores, pois a minha mãe tinha que trabalhar para nos alimentar. Eu era o mais responsável da casa, eu tinha que limpar a casa, fazer a comida, cuidar dos meus irmãos. O único lugar em que eu me sentia bem era quando eu estava na escola brincando. Eu esquecia de tudo, eu brincava com os meus colegas. Lá também tinha pião, bolinhas de gude e pernas de pau. Era muito bom. Mas quando terminava o colégio tinha que voltar para casa e começava tudo de novo, tinha que cuidar da casa e dos meus irmãos.

Mais tarde tive que trabalhar, pois às vezes eu não tinha tênis para ir para o colégio. Uma vez eu fui de chinelo, apesar de estar muito frio, porque eu não tinha tênis. Como minha mãe ganhava pouco, com dez anos comecei num trabalho. Até que lá era bom, era no clube do quartel. Eu limpava o salão, cuidava da louça, limpava os banheiros e ajudava na copa. Era bom, mas eu não conseguia controlar os estudos, pois às vezes eu tinha que ficar a noite toda trabalhando. Como eu ia no colégio de manhã eu tentava conciliar, mas era difícil. Eu fui até a quarta série.

Logo depois, um dia, meu pai foi nos visitar e ele quis me levar embora. Minha mãe não queria deixar, mas eu queria ir com ele. Achava que eu não ia precisar trabalhar, mas não foi diferente, eu tive que trabalhar também aqui em Porto Alegre, daí acabaram-se os estudos. Agora aqui estou com 32 anos, tentando acabar pelo menos o Ensino Fundamental.

Odair José Mendes – T62